

## RESENHA:

# A SEGREGAÇÃO COMO PRODUTO DA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA E O RACISMO

*A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura.* Morrison, Toni. Tradução de Fernanda Abreu. 1ª edição. Rio de Janeiro: Companhia da Letras, 2020.

**Joana Souza<sup>1</sup>**

Toni Morrison em “A origem dos outros – seis ensaios sobre racismo e literatura”, (2019), discorre sobre as questões raciais que perpassam tanto obras literárias ficcionais quanto a vida cotidiana. No decorrer dos seis ensaios que compõem o livro originado de palestras proferidas na Universidade de Harvard, Morrison vai tecendo aquilo que ela chama de *Outremização*, ou seja, a transformação do sujeito em *Outro*. A *Outremização*, segundo a autora, é um trabalho psicológico que visa convencer o sujeito da “existência de alguma forma de distinção natural e divina entre escravizador e escravizado”. (MORRISON, 2019 p. 12). O Outro é sempre inferior, um estrangeiro.

Morrison parte do pressuposto de que “a necessidade de transformar o escravizado numa espécie estrangeira parece ser uma tentativa desesperada de confirmar a si mesmo como normal” e a perda do status racializado seria o mesmo que perder a própria diferença, valorizada e idealizada (p. 54). Daí, surge a urgência em definir o que é humano e o que não é. Para a autora, a desumanização racista transforma o negro no *Outro* que deve ser desprezado e escravizado. Dessa forma, entende que a escravidão transformou o negro africano em um objeto de compra e venda, o que resultou no sentimento de desvalia do negro enquanto sujeito, fato que se inscreve de modo avassalador nas sociedades ocidentais ainda hoje. A segregação racial está enraizada no mundo ocidental, e suas ressonâncias podem ser sentidas em todas as estruturas sociais, apontando inclusive, para uma política de Estado que a favorece.

---

<sup>1</sup> Psicanalista. Doutora em Memória Social pela UNIRIO. Doutora em Psicologia pela Université Côte d’Azur – Nice – França. Diretora do Corpo Freudiano de Teresópolis. E-Mail: [joanapsi@uol.com.br](mailto:joanapsi@uol.com.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4294-2883>

Grada Kilomba, psicóloga, escritora e artista portuguesa, que vem se destacando na produção do pensamento decolonial, sublinha em “Memórias da plantação” que “no racismo, a negação é usada para manter a legitimar estruturas violentas de exclusão racial” (KILOMBA, 2019, p. 34). Tal afirmação encontra ressonâncias, particularmente, no Brasil, onde o racismo contra os negros é mais sutil, porém não deixa de ter nuances bem mais complexas, sendo uma delas a recusa, a negação ou mesmo, o desmentido de sua existência, como sublinha Gondar (2017). A negação é um meio “para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial”, como destaca Grada Kilomba (2019, p. 34).

A questão da segregação racial se amplia se pensarmos que esse fenômeno social é tão antigo quanto a história da humanidade. É possível que a persistência desse fenômeno na história, sejam indícios da existência de uma ordem inconsciente que faz com que em civilizações muito diferentes predomine um modo de organização social pautada na desigualdade, onde o mais forte predomina sobre o mais fraco fisicamente. Um traço de repetição insiste na história da representação social do negro, que o identifica ao feio, ao desprezível, ao estrangeiro, ao que causa horror. No entanto, a violência que é historicamente imputada a população negra, extrapola o universo dessa população, dado que ela pode ser identificada também na história dos índios, das mulheres, da população LGBTQI+ e toda uma lista de desprivilegiados no modus operandi de nossa sociedade que se pauta na exclusão da diferença. Tais fatos nos levam a interrogar se a segregação da diferença não seria um dado da estrutura do psiquismo, presente desde os primórdios da humanidade.

Nos últimos anos, houve uma avalanche de produções a respeito do racismo que tentam de alguma forma, através de sua problematização, conscientizar sobre sua existência na tentativa de provocar mudanças no olhar da sociedade sobre a questão da segregação racial. Por sua vez, a psicanálise não pode se recusar a participar desse debate, mas, ao contrário, deve se ater às questões do seu tempo. Como indicou Lacan, o psicanalista deve estar à altura da subjetividade de sua época, trazendo contribuições para uma melhor compreensão acerca das questões que atravessam e constituem as subjetividades em cada tempo e cultura. Cabe ao psicanalista, tratar o singular, sem, contudo, menosprezar o mal estar vigente na cultura e nos laços sociais.

Freud mostrou que o funcionamento do psiquismo humano se caracteriza pela presença de pares antitéticos, que ele classificou em diversos momentos:

feminino/masculino, passividade/atividade, masoquismo/sadismo, amor/ódio. Para tentar figurar o que resta de insondável na configuração psíquica da diferença sexual, propõe metaforizá-la pelas posições relativas à atividade e passividade, relacionando-as, respectivamente, ao masculino e feminino.

Como sublinha Maurano (2019), “o regime da diferença sexual com o qual trabalha a psicanálise diz do modo como apreendemos simbolicamente o que vigora na natureza e que em última instância nos é inapreensível”. Para conhecermos o que há, é preciso que haja a constatação de diferenças, pois se algo jaz na mesmidade, nem o notamos, somos indiferentes, “não causa ‘pathos’, espanto, não merecendo, portanto, nossa atenção”. No centro de suas reflexões e de sua prática clínica a psicanálise preserva o exercício da diferença, assim como a ideia da alteridade, do desigual.

O regime da diferença sexual a que a psicanálise alude, pode ser pensado de duas maneiras: uma coloca pela diferença anatômica entre os sexos, que é referenciada pela linguagem e outra, destacada por Lacan, que é a diferença de gozos: o gozo fálico e, portanto, masculino e o gozo Outro, designado também como feminino. Por essa perspectiva, podemos pensar o racismo tanto como um fato de discurso, quanto como um dado da estrutura do psiquismo que, orientado pela busca do prazer e a evitação do desprazer, tende a segregar ou recalcar, lançando para fora da consciência, tudo que poderia comprometer a imagem que o sujeito sustenta para si e para os outros, mantendo intacta sua identidade. Tudo que em tese poderia desestabilizar essa identidade, que estabiliza o sujeito e lhe garante uma existência no mundo, é lançado para fora, dado que o sujeito não admite como sendo suas, certas características que ele não tolera. Esse modo de funcionamento do psiquismo, independe da cor da pele, é um dado de estrutura, que pode ser identificada no discurso.

Frantz Fanon, um dos maiores pensadores da questão racial, apresenta uma perspectiva interessante em “Peles negras, máscaras brancas” (1952/2008), ao destacar o trabalho psicológico incessante do negro na tentativa de tornar-se branco. Para esse autor, o negro tem como objetivo ser branco e o branco, por sua vez, objetiva se apropriar da condição de ser humano. Fanon, designou como racismo cultural, a formação da identidade a partir da assimilação de elementos da cultura associada à origem geográfica, à religião, à língua e aos costumes. A inferioridade sentida, principalmente por mulheres negras, faria com elas tentassem interiorizar certos valores brancos como forma de serem admitidas em seu mundo.

Essa perspectiva é retomada pela psicanalista Neusa Santos em “Tornar-se negro” (1983), ao indicar o afastamento gradativo do negro de seus valores originais, representados principalmente pela herança religiosa, e a tomada do branco como “modelo de identificação, como única possibilidade de tornar-se gente”. A autora destaca o alto custo emocional da sujeição, e negação de sua identidade original, “de sua identidade histórico-existencial” (SANTOS, 1983 p. 5).

É curioso o fato de que a intolerância seja ela de cunho racial, sexual ou de gênero, aponta para um desconforto do sujeito consigo mesmo. O que o sujeito não tolera é o retorno de algo que é ao mesmo tempo estranho e familiar, como sublinhou Freud em “*Das Unheimliche* (1919). O uso por Freud do termo alemão *Das Unheimlich*, que comumente é traduzido por “o estranho” e “o sinistro”, coloca em destaque a ambiguidade comportada por este termo, que faz com ela adquira sentidos antagônicos, que oscilando entre o que é “familiar” e o “desconhecido”. Essa ambiguidade está relacionada a sensação de inquietude que invade o sujeito nos momentos em que ele é tomado pela angústia que faz com que as identificações que sustentam o sujeito vacilem. Trata-se, portanto, de um momento em que os sujeito se vê invadido por sensações relacionadas ao retorno do reprimido, ou seja, a irrupção repentina de algo que provoca terror no sujeito remetendo-o ao que lhe é “velho conhecido, há muito íntimo”, como indica Freud (1919, [2006], p. 33). No seminário 10 – “A angústia”, Lacan (1962-1963 [2005], p.51) aponta que o “sentimento de estranheza” abre a porta para a angústia”, o que indica que a angústia eclode quando as identificações imaginárias já não são capazes de sustentar o sujeito. A angústia é conceituada por Lacan como uma invasão no imaginário pelo real. No momento da angústia, o que se apresenta para o sujeito é a falta radical. É quando o olhar do *Outro* se faz ausente, remetendo o sujeito ao vazio, ao desamparo.

A segregação, o estabelecimento de fronteiras entre o eu e o *outro*, torna mais difícil o reconhecimento da discriminação racial, que pode estar em toda parte, ou em parte alguma. Podemos verificar o quanto a obra de Toni Morrison encontra suas ressonâncias naquilo que a psicanálise destaca como sendo a ordem da diferença, que pode ser, sexual, de gênero ou mesmo, racial.

**REFERÊNCIAS:**

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2008.

FANON, Frantz (1952) *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

FREUD, Sigmund. (1919) *O Infamiliar [Das Unheimliche]*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LACAN, Jacques (1963). O Seminário livro 10 – *A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MAURANO, Denise. (2019) *Uma resposta a Paul B. Preciado*. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/announcement/view/145> Acesso em 15 de dezembro/2019.

SANTOS, Neusa Souza. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

RECEBIDO EM 10/07/2021

APROVADO EM 28/07/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO